

As Mulheres no Divã

Cláudia B. S. Pacheco*

Resumo

Baseado na experiência com centenas de casos clínicos, a autora analisa a realidade social e psicológica das mulheres e de sua luta pela real libertação, mostrando, em termos práticos, que elas podem obter realização genuína e felicidade duradoura, através de uma maior percepção das suas atitudes psicopatológicas. Enquanto a mulher se deixar levar pela inveja e narcisismo como tem feito até agora, a filosofia econômica estará altamente comprometida, bem como todos os outros setores da nação, ficando as áreas de saúde, educação, artes, agricultura, lazer e pesquisa prejudicadas em função da manutenção da vaidade feminina. Os interessados na indústria do supérfluo argumentam que dão muitos empregos com os seus negócios — mas muito melhor seria se promovessem empregos em atividades de base como as acima citadas.

Palavras-chave: mulheres, psicopatologia, inveja

Abstract

This uniquely perceptive and clear-cut scientific evaluation of today's woman analyzes the social and psychological reality of women and their struggle for true liberation. The book is based on the author's, Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco, first-hand experience with hundreds of clinical cases and reveals, in practical terms, how through greater awareness of their psycho-pathological attitudes, women can achieve genuine fulfillment and lasting happiness. The fact is that the science, which deals with experimentation, it is necessary to base ourselves on general, universal, fundamental principles and at the same time respect

*Desde 1976, psicanalista e escritora, vice-presidente da SITA – Sociedade Internacional de Trilogia Analítica. Editora da Revista de Psicanálise Integral. Organizou e dirigiu dezessete Congressos Internacionais de Trilogia Analítica. Fundadora e presidente da Associação STOP a Destruição do Mundo, fundada em Paris, em 1992, sob a lei francesa 1901, apoiada por um grupo internacional interessado em soluções práticas para a preservação da civilização e do planeta,

the individuality of each human being. Thus, in this study of women, the premise that each case is unique and must be analysed separately holds true. In trilogical psychoanalysis this scientific rule is honored.

Keywords: mulheres, psicopatologia, inveja

As Evas Dos Tempos Modernos

No início, o demônio tentou Eva diretamente, pois soube que era mais susceptível às suas tentações. Assim como ele a tentou, continua incentivando a mente das mulheres até hoje para adorarem a si mesmas (narcisismo) e a megalomania de um homem.

Se uma mulher prestar atenção aos seus pensamentos, vai verificar que 99% deles giram em torno de si mesma, de como ser mais bonita, admirada e amada. Com exceção das horas que passa trabalhando e é obrigada a se concentrar em algo útil, está sempre fazendo fantasias nas quais ela é o centro.

Muitas haverão de se rebelar contra o que digo e não quererão admiti-lo. Mas as mais honestas se conscientizarão, ficarão muito envergonhadas com atitude tão ridícula e, com isso, começarão a perceber o encanto que existe na vida, e nas outras pessoas, na música, na arte, na cultura, na natureza e, principalmente, em Deus – que tem a beleza e perfeição absolutas – caindo apaixonadas por Ele.

Certamente, muitos vão tentar impedir isso – a começar por aqueles que de alguma maneira estão pactuados com essa maneira narcisista de ser da mulher. Muitos homens que se alimentam do

realizou vários eventos na Europa e Brasil.

De 1983 a 1988, funda e dirige com dr. Keppe a ISAT – International Society of Analytical Trilogical em Nova York.

Em 1990, funda o “Institut Supérieur de Psychanalyse intégrale – École Norberto Keppe”, com sede em Paris, e ramificações em Londres, Lucca, Moscou, Estocolmo, Helsinque e Lisboa, com a finalidade de promover palestras e cursos sobre seu inspirador. Idealizou e publicou o jornal científico-cultural “Savoir c’est Pouvoir”, distribuído durante vários anos na França.

Como resultado de seus 30 anos de pesquisas e 26 de atendimento a clientes do mundo inteiro, escreveu diversos livros e artigos sobre a psico-sociopatologia, traduzidos para o inglês, francês, alemão, russo, italiano, finlandês e sueco.

pacto (megalomania – narcisismo) vão tentar impedir tal mudança; muitas mulheres também, pela inveja, não quererão ver a felicidade e o progresso de suas rivais. Sem falar do poder econômico que vive à custa, em grande parte, da loucura das mulheres. Mas quem vai se doar muito com essa mudança será certamente Lúcifer, que vai se “morder” de inveja vendo que muitos estão descobrindo a beleza, o encanto d’Aquele de quem é rival absoluto!

Em contrapartida, muitos vão gostar disso. Muitos que têm amor e boa intenção no coração verão as mulheres se libertando aliviadas de grilhões pesados, das trevas, resultantes da adoração a si mesmas. Vê-las-ão se enriquecendo, começando a se integrar na vida, nas atividades, na realização e até tornando-se mais bonitas pelo afeto que naturalmente irá transbordar de si mesmas.

A mulher deveria ser como a flor que perfuma e embeleza a sociedade com seu amor, dedicação, inteligência e sensibilidade (voltados para os outros, para o exterior e não se conservar num casulo, olhando só para si mesma, enfeitando-se, emburrecendo-se e tornando-se fria, inútil, egoísta e grosseira.

Cada Um Vive A Vida Que Pensa Ser Melhor Para Si

Cada um de nós tem, em grande parte, a vida que escolhe como mais vantajosa, mesmo que não percebamos com clareza esse fenômeno.

Se nós mulheres estamos numa situação tão difícil, tão alheias à realidade socio-econômica, tão excluídas do chamado mundo masculino de realizações é porque sentimos no fundo que esta seja a melhor vida. Nossa filosofia, nossos pensamentos e ideias podem ser certos até certo ponto e seguirem a correnteza da sociedade, mas o que sentimos é, muitas vezes, o contrário do que pensamos.

O que quero dizer é que sentimos ser melhor vivermos alienadas, distantes da consciência dos problemas sociais, políticos, econômicos e até familiares, crendo que agindo como avestruz, não seríamos prejudicadas, e que sempre haveria quem cuidasse de nós.

Assim, tornamo-nos como loucas – pois esse foi o resultado da nossa fuga. Loucas, incompetentes, alienadas, ignorantes e toda a

realidade que deveríamos saber para nos defender dos indivíduos mal intencionados e das águias do poder.

Se a sociedade humana está no caos em que está, 50% da culpa é nossa, pois perfazemos 51% da população mundial. A qualidade de vida dos povos depende do seu grau de consciência; portanto a má qualidade de vida da humanidade se deve em grande parte à alienação em que queremos nos manter.

Tentarei exemplificar. A cliente C. V. fala frequentemente em suas sessões de um menino que vivia em sua casa e era muito mimado pelos pais, tios e amigos adultos. Manifestava grande envolvimento com o garoto – um misto de irritação e preocupação constantes, algo que não se justifica, pois ela não tinha nenhuma obrigação direta com ele, de responsabilidade, ou cuidado. O que mais a perturbava era a atitude mimada de Michael, que andava sempre na barra da saia da mãe, e, na falta desta, na de outro adulto que aceitasse alimentar sua dependência.

Perguntei-lhe se ela percebia que estava muito identificada com o menino, que ela vivia numa situação de dependência e mimo, passando de uma para outra, sempre alienada do cuidado com sua vida e evitando enfrentar suas dificuldades.

Ela disse que podia perceber isso; não gostava de responsabilidade, de trabalho sério e, mesmo vivendo em uma cidade como Nova York, cheia de oportunidades para se enriquecer cultural e profissionalmente, permanecia alheia a isso tudo, isolando-se em seu castelo de fantasias.

Óbvio é que os resultados dessa conduta não são muito nobres e agradáveis. O sofrimento é inevitável.

A pergunta que lhe pairava era a seguinte: por que é que ela, tendo percepção da orientação errada que estava dando a sua vida e do que deveria fazer para produzir, agia de maneira contrária?

As mulheres não percebem que pensar é diferente de sentir. Elas podem até “pensar” de maneira certa, mas “sentem” de maneira invertida. Ou seja, racionalmente acham que a consciência, a responsabilidade, o trabalho, o relacionamento humano, a busca de novos horizontes é o que há de melhor. Mas, no fundo, sentem que ao se abrirem para a vida, lancem-se a novos empreendimentos,

conhecerem novas pessoas e novas ideias irão sofrer, ter mais problemas, e se sentirão mal com isso.

Enfim, cada qual leva a vida que acha melhor, mas cômoda, mesmo que não note que as consequências são nefastas.

C.V. pensava que, apesar de tudo, aquela vida dependente e alienada embora cheia de restrições era melhor do que a que teria enfrentando problemas “lá fora” (fora do seu castelo do lar). Em sua ideia iria sofrer muito, mas caso se abrisse para o mundo.

Ela não percebia que aí, e só aí, é que iria começar a se sentir bem e feliz.

A Mulher Não Se Desenvolve Por Falta de Interesse Pelo Progresso

Certa vez uma cliente veio para sua sessão analisar o porquê de não conseguir se concentrar em leituras de jornais, ou em livros sérios e científicos que sabia serem necessários para seu desenvolvimento. Disse que todas as noites, antes de deitar, pegava um livro de Norberto R. Keppe sobre a Trilogia Analítica, que falava de seus problemas, e começava a ler. Mas após algumas frases, via que não conseguia ir adiante.

Ao perguntar-lhe por que não conseguia ler, ela disse que começava a sentir sono ou a pensar no marido, nos filhos, ou no que ia fazer no dia seguinte etc. Enfim, concluiu que não tinha interesse em ler.

- A que a senhora associa a leitura? perguntei-lhe.
- À cultura.
- E essas ideias que tem quando começa a ler, a que associa?
- À fuga.
- Então a senhora diz que foge da cultura porque não tem interesse nela, interpretei.
- Ah! Outro dia eu ouvi dizer que a pessoa não consegue ler por causa da inveja, disse a cliente, mas não entendi. Eu, por exemplo, não acho que tenha inveja do Keppe. Eu o admiro muito.
- Mas a pessoa só inveja o que admira! respondi.
- Ah, é?! Mas como? Na inveja a pessoa não

quer ser como o outro? Eu sei que não posso ser como Keppe... Ele é muito mais culto, mais capaz... estudou desde criança sobre isso tudo...

- Não. Na inveja a senhora quer que o outro seja menos que a senhora. E como nota que é o contrário, se sente mal e não quer ver. Se a senhora quisesse ser como ele, faria o que ele faz.

- Ah, mas eu acho que o Keppe foi um iluminado. É isso, agora achei o termo exato: ele foi um iluminado, um escolhido por Deus.

- Então note como sua argumentação comprova sua inveja: a senhora disse que ele é um iluminado, um escolhido, e que este é o motivo de ter a capacidade que tem. E não que ele se dedicou desde criança e fez um grande esforço para chegar aonde chegou. O que a senhora pensa: "a vida dele é fácil; estudar, escrever para ele é fácil, mas para mim é difícil. Ele é um iluminado eu não..." Assim a senhora tira o mérito dele, que vem da dedicação, força de vontade e da atitude de não admitir desinteresse e preguiça em si mesmo.

Acho que o poder econômico é co-responsável por isso, pois fez um pacto com a mulher, alimentando sua preguiça e alienação. O homem de poder tem inveja da mulher e gosta de vê-la numa situação primitiva, de atraso intelectual, afetivo, cultural. Então conserva-a nesse estado de atraso e subdesenvolvimento, para que ela não lhe seja uma "ameaça". Assim sente-se em superioridade e a tem sob total controle, servindo a seus interesses.

Essa situação sai muito cara a todos pois se pensa que a pessoa primitiva seja mais manejável, mais fácil de controlar e isto não é verdade, muito pelo contrário! O homem paga caríssimo pela burrice e ignorância da mulher, que acaba de tornando sua inimiga feroz e colocando filhos, família e amigos contra ele.

Depois de algum tempo o "lar" se transforma num campo de batalha de onde o marido quer manter longa distância!...

O homem se engana acreditando que a mulher alienada, "fora do mundo", não lhe causaria problemas. Muitas vezes, quer evitar que ela lhe traga consciência de seus próprios problemas, pois, saindo para a vida ela abrirá os olhos para muitas coisas que antes lhe passariam despercebidas. Imagina, sem notar bem isso, que aquela adorável namorada, que o via e o tratava como um deus antes do casamento sem o acusar de nenhum defeito, poderia

continuar assim, sendo isolada dentro de casa.

Que trágico engano! Aquela mesma doce e angelical namorada, após ver seu marido preso a ela, seguro por um contrato assinado (com testemunhas para não poder voltar atrás!), de deus passa a vê-lo como demônio da casa, acusando-o de todos os problemas, desde a sua insatisfação pessoal até o fato de a cozinheira ter pedido demissão ou pelos filhos irem mal na escola.

Vejo de fundamental importância a conscientização (não só pela mulher, mas pelo homem também) de todos esses problemas que vêm sendo mantidos encobertos, não para que apenas ela seja obrigada a adotar uma conduta mais humana, mais consciente, de afeto verdadeiro, mas para que haja a possibilidade de haver casamentos felizes, com ambos lado a lado, e não mais como dois inimigos.

O Atraso das Mulheres

Lendo o Bartlett's Familiar Quotations, um compêndio sobre as mais importantes citações da humanidade, foi com tristeza que observei que a esmagadora maioria dos autores era masculina.

As mulheres poderão argumentar que isto revela o domínio dos homens no mundo cultural – e a sabotagem que eles fazem ao sexo frágil, não valorizando o que elas dizem e realizam. Muitas pensarão até que os editores, por serem homens, selecionaram citações masculinas.

Mas, observando bem, o problema não é só esse. Dentre as poucas mulheres que foram citadas, a maior parte fala sobre e para as mulheres, principalmente.

Os homens, na maioria, falam de assuntos sociais, filosóficos, políticos, universais. São citações de que todos se beneficiam – assuntos concernentes a homens, mulheres, crianças, velhos e moços. As mulheres, no entanto, constantemente, reivindicam e discorrem sobre assuntos que só interessam à elas.

Não é, portanto, difícil compreender por que tão poucas mulheres foram selecionadas nesse compêndio e em outros. Essa marginalização cultural ocorre não só porque as mulheres sejam

sabotadas ou excluídas do sistema pelos homens, mas porque os assuntos que tratam são geralmente de pouco interesse e utilidade tanto para a vida social em geral, como para os indivíduos do próprio sexo.

Eu, particularmente, prefiro ler as citações de um Aristóteles, de um Kant, Platão, ou Lincoln do que de uma feminista. Por exemplo, Anita Loos (1893-1981) traz a seguinte “contribuição” para a cultura feminina: “Um beijo na sua mão pode fazer você se sentir extremamente bem, mas uma pulseira de brilhantes e safiras dura para sempre”.

Por essa afirmação vemos claramente que a maior preocupação de sua vida é obter aquilo que lhe poderá alimentar a sensação de poder.

Não há nada de errado em uma mulher gostar de joias, o problema é quando ela faz disso uma das principais finalidades de sua vida, como muitas fazem. Já atendi clientes que passaram 20, 30 anos de sua existência esperando o dia em que receberiam, uma aliança de brilhantes ou um colar de pérolas.

Fomos treinadas a não pensar, a não usar nossa inteligência, nossas capacidades. É de interesse dos esquemas do poder que a mulher seja uma boa serva do sistema – que não questione nada.

Devemos servir ao poder de várias maneiras:

1. Com trabalho de qualidade e dedicado, ganhando salários baixos.
2. Através do sistema consumista, gastando nosso dinheiro para enriquecer mais os que têm o poder do dinheiro.
3. Sendo “acessórios” na vida deles, servindo-os sexualmente, pessoalmente, ou de alguma outra forma.

O pior é que toda a sociedade sofreu um tipo de lavagem cerebral para conservar a mulher alienada.

Por exemplo: pesquisadores da Universidade da Califórnia do Sul entrevistaram 1.250 mulheres que se formaram no curso colegial através do Hunter College High School de Nova York entre 1911 e 1983. (Esta escola exige um QI mínimo de 130 para admitir novos alunos). Os resultados mostram que: “a grande maioria dessas mulheres são donas de casa ou trabalham em empregos que são predominantes femininos e mal pagos, como os de professora. Considerando a capacidade extraordinária dessas meninas,

notadamente poucas exerciam alguma função que envolvesse a determinação de propagandas de alto nível, de acordo com Betty Walker, professora de Educação da Universidade da Califórnia do Sul e ex-aluna do Hunter High School”.

Cerca de 98% foram “muito criticadas” em relação ao aconselhamento que receberam na escola. Muitas disseram que sairão da escola sem realmente compreender as opções que tinham para uma carreira. As expectativas dos pais também contribuíram para um futuro inexpressivo das filhas, afirmaram os entendidos no assunto.

A mulher tem realizado menos dentro da civilização não porque seja mais incapaz ou tenha menos inteligência que o homem, mas porque realiza mais no campo em que tem mais interesse.

Se seus interesses são digeridos para o mundo mais da fantasia, do romance (alienação essa que interessa muito aos donos da economia), ela vai se empenhar em ser habilidosa nesse campo, aperfeiçoando-se no sentido da conquista, da moda, da superficialidade etc.

Isso me parece um jogo diabólico para neutralizar a mulher que, caso estivesse dirigindo seus interesses para uma atividade mais realista (econômica, sociedade, ciência etc.), estaria muito bem sucedida. Certa vez uma cliente disse ter tido sempre muita dificuldade de concentração em seu trabalho, perdida que estava em pensamentos de ciúmes paranóides a respeito do marido. Sua produtividade e criatividade estavam extremamente prejudicadas, pois 90% de seu interesse concentrava-se naquele relacionamento – “seria ela realmente bem amada por ele ou não”? – esquecendo-se da incrível dimensão de sua vida (que estava abandonada). Geralmente a mulher quer se ligar ao homem, a uma instituição, a um grupo etc. Não está acostumada a pensar pela própria cabeça. Pelo contrário – o que seu médico lhe fala, o padre, ou o pastor, um chefe, ela procura seguir cegamente – esteja certo ou errado.

Nós mulheres não aprendemos a ter uma atitude mais voltada para a vida, de maneira independente. Não gostamos de grandes decisões, pois isso significa assumir erros e acertos. Como estamos habituadas a seguir a cabeça de terceiros, perdemos o contato com a nossa

consciência interior. Perdemos muito com isso e seguimos muitos exemplos errados, sem questioná-los. Se um médico nos orienta a dar tranquilizantes ou fortes antibióticos a nossos filhos, acatamos sem questionar. Se nos encaminham para uma cirurgia aceitamos sem verificar as intenções ou incapacidade que esse médico possa ter. Pela nossa intuição e bom senso poderíamos evitar muitos problemas para nós mesmas e nossos filhos, caso começássemos a usar nossa própria consciência.

A mulher parece ter rompido o contato direto com a verdade e o Criador, para estabelecê-lo através da cabeça de outra pessoa – e isso parece ser um dos principais motivos para nossa incapacidade atual.

O Desejo de Domínio Impede Nosso Progresso

M. L., arquiteta, 23 anos trabalhava como decoradora de interiores em São Paulo. Em sua firma era bem tratada pelos clientes que costumavam convidá-la para jantar, almoçar, passear com eles. Sentia-se admirada e respeitada em seu núcleo social, mesmo que seus clientes não fossem indivíduos muito importantes na sociedade.

M. L. recebeu um convite para ir trabalhar em Nova York. Lá teria que começar tudo de novo – formar nova clientela, fazer-se conhecida etc. Embora gostando demais dos EUA, e sabendo da grande evolução profissional que teria, opunha grande resistência a dar esse passo. Sentia medo, muito medo. Não havia razões objetivas para isso, pois, além de ter familiares em Nova York, ela iria contar com todo o apoio de seus amigos.

Nas sessões de análise, associava a vida em Nova York com desenvolvimento, progresso. Por que então o temor? No fundo, ela sabia que iria perder a estrutura montada que tinha no Brasil – iria ser desconhecida no meio profissional e, pelo menos no início, seria vista como um ser humano iniciante a mais entre muitos.

Quase todo ser humano deseja, estar “por cima” dominando uma situação. Isto se verifica das formas mais diversas. Por exemplo, tanto o milionário Paul Getty sentia-se dominante em seu esquema de vida, como o feitor de uma fazenda do interior de Mato Grosso

sente-se entre seus companheiros.

Geralmente o homem quer dominar mais no sentido social ou profissional. Ele quer ter a sensação de que dentro de sua vida, de alguma maneira, ele é o "bom", o mais importante – ou para seus subordinados ou para seus alunos, sua mulher e filhos, namorada e até, em último caso, para sua mãe.

Nós mulheres não somos diferentes no desejo de ser importantes. Só que buscamos isso mais na área afetiva, familiar, de amizade, ou com o namorado etc. Existe um ditado brasileiro que diz: "A mulher aceita tudo no homem amado, menos outra mulher". Pois os filhos não representam ameaça (apesar de muitas mulheres ficarem enciumadas de terem que dividir com eles o amor do marido); bebida, jogo e trabalho – constituem apenas "concorrentes potenciais" no jogo do domínio – mas outra igual (uma mulher) pode tornar-nos totalmente dispensáveis na vida deles. Então isso ela não aceita.

Este é o motivo de nossa paranoia estar mais dirigida a este campo – ele representa uma ameaça ao nosso domínio afetivo em relação a um homem. Aí se originam muitos dos nossos medos: a ameaça de perdermos nossa segurança, termos que reconquistar e merecer a aceitação dos outros.

A segurança numa situação estratificada e aparentemente de nosso desempenho. Deixamos de nos "chegar", de nos comparar aos outros e ver em que estamos indo mal. Em que temos que progredir? Em que área devemos nos esforçar mais para melhorar?

Já atendi a várias mulheres em psicoterapia que usavam de um documento legal (a certidão de casamento) para conservarem-se numa situação artificial de segurança e poder sobre os membros da família. Tais mulheres chegavam a um incrível grau de cegueira e alienação, tornando-se verdadeiros "monstros", no sentido físico e psíquico.

Uma coisa é eu ser vista pelos meus filhos como a melhor mãe, a melhor filha pela minha mãe e até, quem sabe, a melhor esposa pelo meu marido, já conformado com meus defeitos. Outra, é eu ser a melhor profissional em uma situação onde todos envolvem ao mesmo tempo, na concorrência a empregos ou disputas de vaga

em escolas cada vez melhores e mais difíceis.

Em tais situações, estamos sempre sendo “checadas” e comparadas, com olhos frios e objetivos, a muitas outras pessoas capazes – o que, certamente, nos traz muita insegurança, fazendo com que percamos o “domínio” da situação.

Já vi muitas mulheres terem receio de visitar o local de trabalho dos maridos por medo de abrirem os olhos e ver demais. Ao lado de seu marido talvez convivam, o dia inteiro, mulheres mais inteligentes e mais bonitas, o que lhes causaria grande ansiedade e as faria perceber a fragilidade de seu posto de “dama de seu homem”.

A Mulher Sempre Se Esconde Atrás de Um Homem

O que todos acham mais desagradável e desonesto na conduta das mulheres é elas não assumirem seus problemas. Estão sempre escondidas atrás de alguém, na maioria das vezes, atrás de um homem, para não se responsabilizarem por suas vidas e seus erros.

Não raro, a mulher justifica seus insucessos culpando as restrições sociais, as leis mal feitas, os homens que não ajudam, as famílias que restringem ou não as apoiam etc.

O assunto se mostra grave e insolúvel, pelo menos até que a mulher resolva cair em si e assumir diante da vida.

É óbvio que muitos desses problemas citados por elas são reais. Mas a questão que se coloca é a seguinte: e os nossos problemas, onde ficam? Como poderemos solucioná-los se não assumimos a responsabilidade por nossas vidas, nossas decisões, nossos erros?

A mulher imagina que se ela não assumir a responsabilidade por sua vida e pelo que faz, não será responsável. Coloca a questão como algo “opcional”.

Isto é, pode ou não assumir a responsabilidade por sua existência.

O fato é que, assumindo ou não, a mulher é responsável por sua vida, por seus sucessos e insucessos. É inclusive responsável por suas más escolhas, pela maneira como se relaciona com os indivíduos loucos e mal intencionados e com os problemas sociais.

Tentarei exemplificar com o caso da cliente I. L., de 30 anos aproximadamente, casada, com duas filhas pequenas.

I. L. sempre se queixou de não ser ajudada pelo marido e pela sociedade, dizendo ser infeliz e não se desenvolver na vida por isso.

Na verdade, morava numa residência trilogica e recebia o apoio de todos os amigos que moravam com ela, seja no sentido de educar as filhas, como também no trabalho.

O marido, embora não fosse um sujeito de valor, dividia as despesas da família com ela quando podia, e quando I. L. estava desempregada, também a ajudava com dinheiro para suas despesas pessoais. De fato, não era um homem afetivo, realizador, pelo contrário, era irresponsável em muitos aspectos e resistente ao trabalho. A ajuda que prestava à mulher e filhas, não era de bom grado.

Mas, era justamente isso que a mulher usava como pretexto para se esconder. Queixava-se com frequência de não ser ajudada pelo marido, até nas tarefas que eram diretamente ligadas ao seu trabalho e de sua responsabilidade.

Certo dia, perguntei-lhe: “e como a senhora viveria se ficasse viúva hoje”? ao que ela respondeu: “bem, aí eu teria que me virar”, revelando muita malícia e desonestidade em sua conduta.

Por que a mulher acha que pode usar essas desculpas para justificar seu atraso, sua preguiça? Todas as mulheres deveriam viver como se fossem sozinhas, mesmo estando vivendo com alguém.

Se recebemos ajuda de terceiros, ótimo, mas nossa existência é de nossa responsabilidade. Por algum motivo muito patológico, muitas mulheres pensam que podem fazer de seu marido e dos outros seus empregados. Se eles não trabalharem para ela, ela mesma não sai do lugar.

O mesmo foi com os pais e a sociedade. Se somos exploradas por nossos patrões, vamos abrir nossos próprios negócios! Se nossos pais e maridos nos reprimem, não nos apoiam, temos que encontrar outros meios de realizar o que queremos.

A mulher não quer perceber que ela própria não se apoia, ou seja, não apoia o trabalho e a responsabilidade, o que trará tudo aquilo que ela deseja – dinheiro, conforto, paz de espírito, amigos e liberdade.

A Busca do Romance e a Autodestruição

O leitor já observou que geralmente, assim que um casal começa a namorar mais seriamente, os dois se afastam dos amigos, dos parentes, da escola e de seus interesses pessoais?

Não raro, o homem abandona os esportes, os cursos que gostava de frequentar, os amigos da faculdade ou a turma do escritório... Torna-se triste, barrigudinho, começa a beber mais, assistir mais TV, dormir mais, preocupar-se mais com dinheiro etc.

A mulher afasta-se também das amigas, muitas vezes abandona a profissão, interrompe a faculdade, ou então engaveta seu diploma. Começa a engordar, a enfeiar-se, “emburrece”, alienada da vida social, cultural, econômica. Torna-se deprimida, angustiada e insatisfeita. É raro, entretanto ela admitir tudo isso, até que as brigas comecem entre os dois.

A maneira tradicional que o casamento e as uniões afetivas são realizados parece diretamente contra a verdadeira natureza humana e a da própria vida afetiva.

Até hoje observei que, na quase totalidade dos casos, quando uma pessoa se envolve num romance, ela automaticamente se desliga de todas as outras áreas de sua vida, passando a apresentar uma decadência muito grande no campo das amizades, cultura, profissão, espiritualidade etc. A pessoa apaixonada joga toda a vida fora, praticamente, para tentar curtir e viver somente aquele “pedacinho” da sua existência – e vendo-o com lentes de aumento, como o “tudo” de sua existência.

Mas, notem, isso acontece muito mais com a mulher do que com o homem. Ela destrói com extrema facilidade todos os seus dons, talentos, carreira, amizades, espiritualidade, enfim, essa gama incrível de vivências e opções que a vida lhe oferece, em troca de um romance.

Por melhor que o relacionamento seja, é impraticável que uma mulher tente retirar a satisfação que uma vida toda pode dar, de um pequeno compartimento dessa existência. Obviamente o relacionamento homem-mulher é um aspecto importante de nossa vida, mas não é o tudo e nem o mais importante.

Quando a mulher abandona, ou coloca em segundo plano todas as áreas de interesse de sua vida para colocar sua expectativa em

um romance, está cometendo o maior suicídio, a maior loucura que alguém poderia fazer. Não é à toa que os resultados sejam sempre tão desastrosos.

Isso se compara ao que Eva fez, ao abandonar o paraíso para seguir uma ilusão de ser “como uma deusa”, tentada que foi pelo demônio. Não é justamente esse padrão de comportamento que a mulher segue até hoje? Abandona todo o Paraíso que está diante de si, ou seja, milhares de opções de progredir e viver bem, para ter seus olhos voltados para o seu “deus”, em seu mundo à parte.

É um verdadeiro crime o que as mulheres vêm fazendo com suas vidas. É uma alienação com consequências desastrosas para todos. Dificilmente o homem adota essa atitude. Somente os mais doentes abandonam sua carreira para viver um romance. Não é essa a queixa da mulher? Que os homens, apesar de tudo, conservam sempre uma ligação forte com o mundo, com a humanidade e dão menos importância para o relacionamento afetivo do que as mulheres? Pois bem, é justamente isso que conserva os homens em maior equilíbrio.

É uma pena que a mulher culpe tanto o homem por essa fantasia não dar certo. Isso ainda dificulta mais os relacionamentos, tornando-os tensos e até impraticáveis.

Cada coisa deveria ter o seu lugar, a sua devida importância. Como queremos que um romance possa nos dar a satisfação que rejeitamos obter pela própria vida.

Acontece que, diante da grandeza da vida, somos somente um grãozinho de areia, em evolução constante; e dentro de um romance queremos ser o tudo para o parceiro; não estaria aí a raiz dessa inversão?

Muitos argumentarão; mas, e os homens que gostam de ser tratados como deuses e de serem adorados pelas suas companheiras? De fato, poderíamos dizer que a maioria dos homens se enquadra nesta categoria. A eles encanta essa ideia, embora eles próprios não façam o mesmo com suas amadas.

Mas isso não justifica a concordância e obediência de tantas mulheres em relação a isso. Esse pacto só servirá de dissabor para ambos, sendo altamente insatisfatório.

Um casal só pode se relacionar bem, se os dois se unem para um objetivo comum, que é superior aos dois – um ideal, um trabalho humanitário – que eleve sua vida além do objetivo da união dos dois em si mesmos.

Segundo Margaret Anderson (1893 – 1973): “No amor verdadeiro você quer o bem da outra pessoa; no amor romântico você quer a outra pessoa”.

Extrato do livro “Mulheres no Divã – Uma Análise da Patologia Feminina”

Proton Editora, São Paulo, 1987 p. 21-35; 50-54